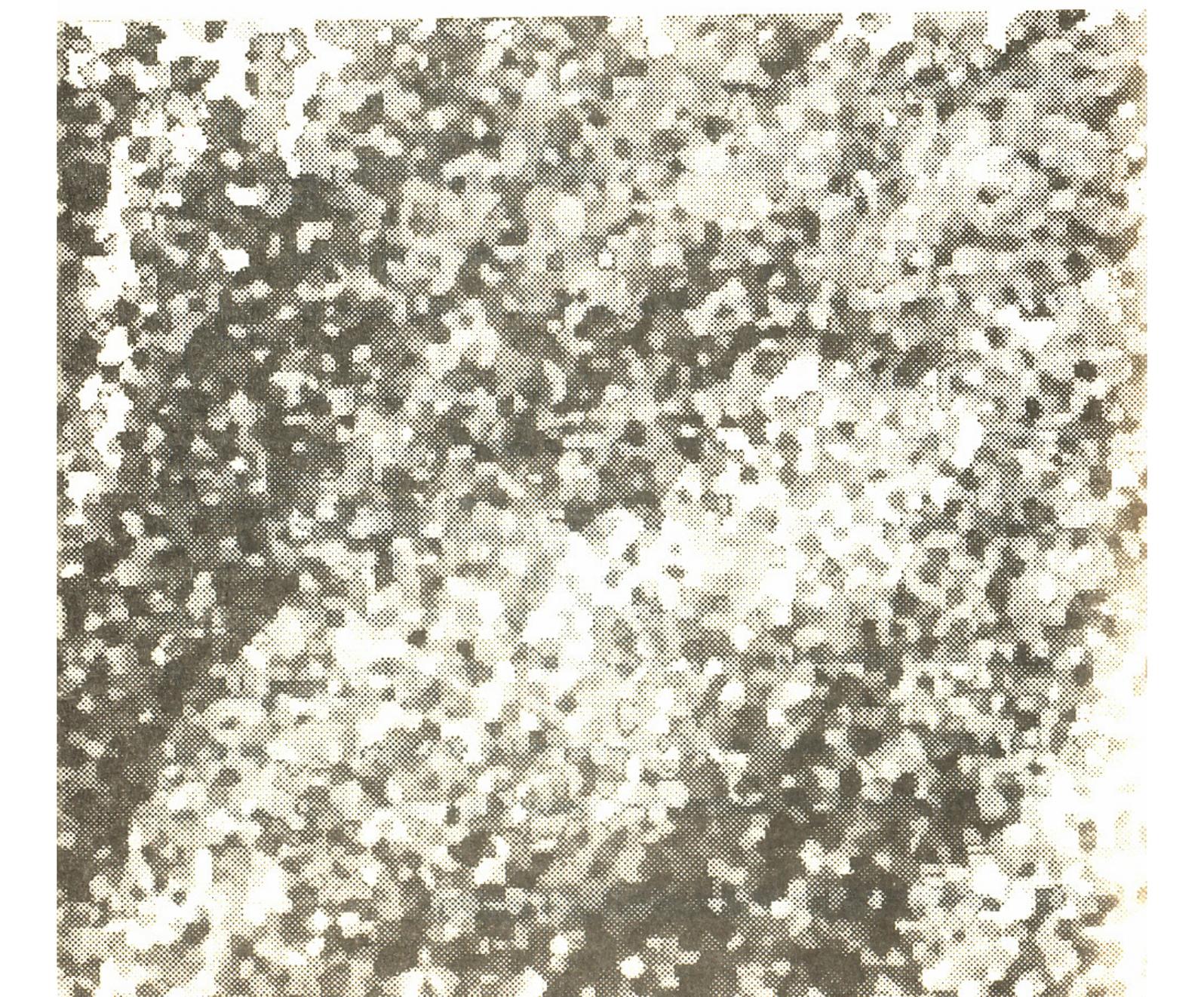
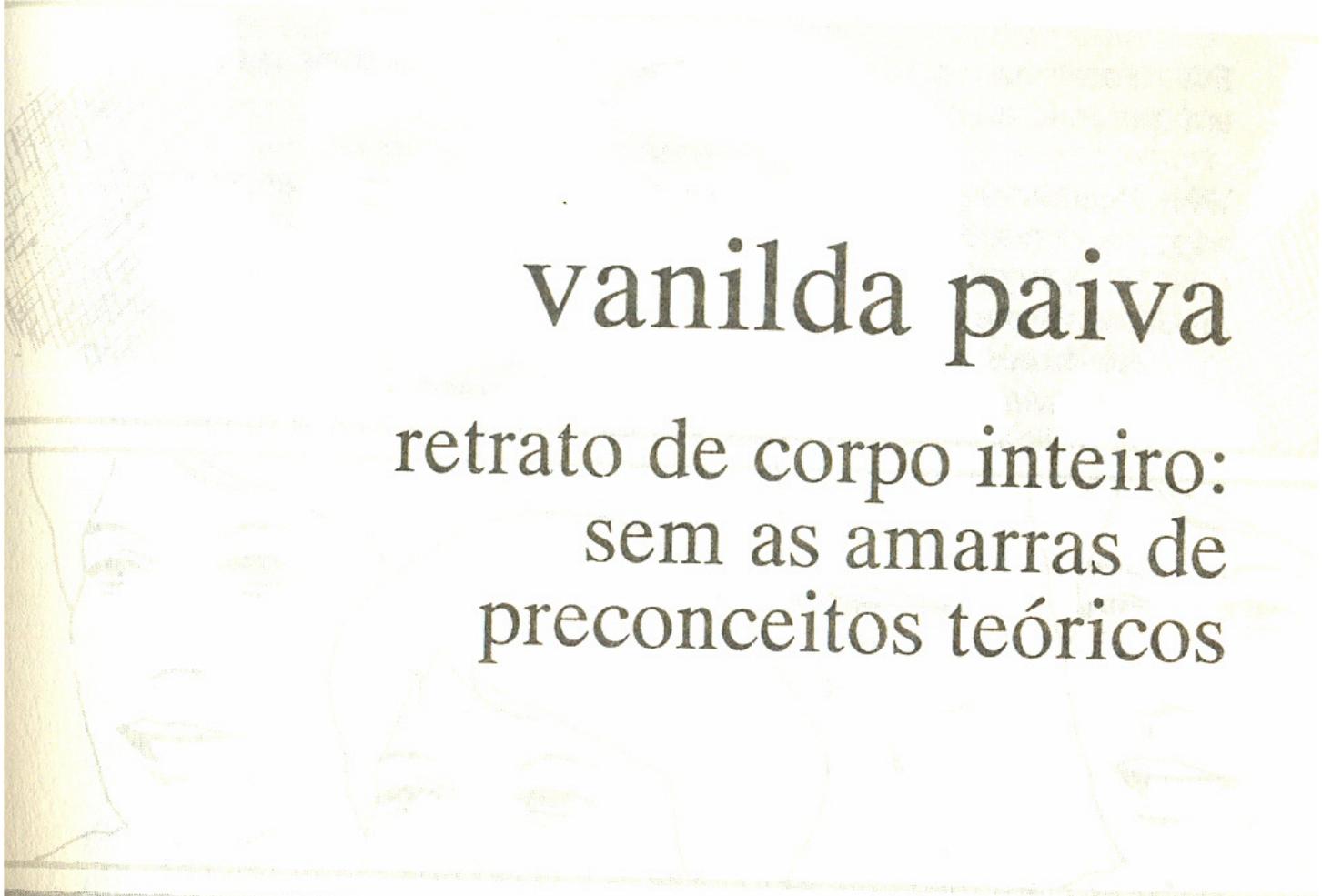




entrevista





# vanilda paiva

## retrato de corpo inteiro: sem as amarras de preconceitos teóricos

Doutora em Sociologia da Educação, pela Universidade de Frankfurt, a Professora Vanilda Paiva tem uma vida profissional dedicada ao estudo da educação em suas relações com a sociedade. É autora de diversos artigos e livros, dentre os quais: "Educação Popular e Educação de Adultos", "Paulo Freire e o Nacionalismo Desenvolvimentista", "Perspectivas e Dilemas da Educação Popular". Desenvolve, ainda, significativa atuação em debates, de âmbito local e internacional, sobre questões relativas à sua área de investigação.

Vanilda Paiva foi ouvida pela Revista EDUCAÇÃO EM QUESTÃO, em entrevista exclusiva concedida às Professoras Dione Violeta de Medeiros e Maria Doninha de Almeida (UFRN), por ocasião do Seminário sobre Educação, Ciência, Tecnologia e Produção, realizado em Natal, abril de 1990.

**EQ** - Fale-nos um pouco sobre suas experiências mais recentes e em que medida tocaram o profissional, o teórico.

**VP** - Inicialmente gostaria de dizer que estes últimos anos foram especialmente difíceis na minha vida. E não apenas pela destruição da inocência que vem com a administração e a prática política. Mas, fundamentalmente, pela perda de meu irmão - 10 anos mais jovem que eu, professor da UNICAMP, onde ocupava o mesmo lugar no qual eu havia trabalhado anos antes no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas à Educação. Ele se dedicava a muitos temas que eram do meu interesse; tinha uma bela tese de doutoramento apresentada na Universidade de Hamburgo sobre as escolas alemãs no Rio Grande do Sul e vários trabalhos publicados, inclusive comigo. Sua perda foi um rude golpe e modificou muito a minha maneira de ver o mundo. Acho que, especialmente entre aqueles que, de algum modo, foram influídos pelo marxismo, entre os que concentram suas preocupações sobre aspectos macrossociais, as pessoas contam pouco. Tendemos a subestimar outras dimensões da vida que não estão diretamente vinculadas a questões econômico-sociais mais amplas. A lição que traz a morte não se reduz ao plano pessoal. Para mim, ela permeia hoje a visão que tenho da vida, inclusive a profissional e mesmo as concepções teóricas. É possível que seja mais fácil dizer isso hoje do que teria sido há 20 anos atrás, posto que também estamos diante de uma crise não apenas do socialismo real e concreto, como se constata no Leste Europeu, mas também das teorias globalizantes em geral. Desde há pelo menos uma década, reconhece-se que as teorias que pretendem dar conta da totalidade social, como sempre se diz do marxismo, contêm elementos totalitários além de constituírem uma ficção no sentido de que a realidade nunca entra na camisa-de-força teórica, por mais bem construída que ela seja.

Trata-se, portanto, de uma modificação importante na minha perspectiva de vida e na minha perspectiva teórica. Precisamos de uma visão mais ampla e mais eclética do que aquela que defendemos nos últimos 20 anos. Entendo que neles ocorreram fenômenos novos que vão desde a difusão mais ampla do marxismo - inclusive no campo da educação - até uma democratização efetiva das oportunidades educacionais a todos os níveis como fenômeno internacional. Na área da educação, no entanto, há que reconhecer que a teoria aí chega bastante abastardada e simplificada. A própria es-

trutura dos cursos contribui para isso, na medida em que tratamos de pedaços de questões, sem visão abrangente e sem formação teórica sólida. Acredito que esta característica facilite a penetração e a sobrevivência mais longa, na área educacional, de versões mais rígidas das teorias, formulações mais vulgares, subconjuntos mais débeis dentro de teorias mais amplas. Para dar um exemplo, digamos que se tende, na área educacional, a estudar Rogers em vez de Freud. Raramente vamos aos clássicos - chegamos a Marx através de Gramsci ou Althusser. A importância de Max Weber no meio educacional praticamente não é reconhecida.

No caso de Max Weber, eu me interessei primeiro pela sua sociologia da religião. Mas a enorme ênfase dada por meu irmão a este autor teve grande influência sobre mim. Uma de suas preocupações era a de abrir horizontes, na área da educação, para o estudo de Max Weber. Por outro lado, ele tinha como ambição extrair da obra de Marcel Proust uma teoria da socialização das classes dominantes. Uma tentativa de juntar literatura e educação, literatura e pedagogia. Na minha opinião, a área educacional precisa urgente de uma abertura que, até agora, não tem se mostrado viável. Pelo contrário, creio que a maioria dos autores da minha geração, que começaram a escrever no início dos anos 70 e influíram decisivamente na formação das novas gerações, continuam aferrados a uma formação bastante rígida e mesmo a formulações vulgares do marxismo. Isto prejudica a formação da nova geração pela estreiteza do quadro teórico com que ela se depara. Digo isso também como autocrítica de diversos escritos; eu hoje certamente interpretaria nossa história educacional de forma diversa não apenas daquilo que escrevi no passado em muitos aspectos, mas do receituário que se tornou consensual no nosso meio e que segue sendo difundido não apenas pela literatura especializada mas também por reuniões como as CBEs, em geral controladas com mão de ferro em sua estrutura, em seus efeitos no que diz respeito a quem irá ou deixará de ser promovido através de conferências, seminários e outras atividades, pelos mesmos que se encarregam da divulgação de tal visão estreita tanto no plano da teoria quanto da política concreta. Creio que hoje os educadores devem exigir que as reuniões de caráter nacional sejam mais democráticas e devem, fundamentalmente, exigir pluralismo. Pluralismo teórico e de perspectivas, democracia na organização e possibilidade de expressão de correntes diferentes.

Mas, vocês me perguntaram a respeito de minha atividade atual. No momento, concluo uma pesquisa, financiada pela FINEP e pelo CNPq, que se propõe a rever não apenas as interpretações correntes das políticas educacionais das últimas décadas, inclusive aquelas acionadas pelos governos oposicionistas eleitos em 1982. Este trabalho me levou a uma visão menos branco-preta das políticas na área da educação e a ressaltar as contradições imensas que estão presentes na sua prática. Entre a elaboração de uma lei ou a formulação de uma política e sua execução entram tantas mediações, uma tal complicação social - ou seja, a sociedade na qual ocorre é tão complexa e contraditória - que o que vai à prática é outra coisa, bem diferente do proposto e do escrito. Isto é válido para uma reforma administrativa, para a reforma da educação, para a vida. O que se passa no plano da sociedade tem sua analogia com o que se passa na vida. Mas freqüentemente não temos a abertura de espírito, a consciência da permanente possibilidade de irrupção do novo, do inesperado, para que seja possível perceber que a resultante no plano real emerge de contradições que não levamos em conta, que não percebemos, que estão além da parcela do mundo que dominamos. Esta consciência faz hoje diferença na minha pesquisa. É preciso considerar as incongruências que a realidade apresenta sem se deixar amarrar por preconceitos teóricos. Talvez até por isso me interesse hoje mais profundamente por questões ligadas à arte - especialmente à literatura e ao cinema - onde tais aspectos estão sempre mais presentes e visíveis.

**EQ** - Você atribui este fechamento e este sectarismo de alguns profissionais da educação ao distanciamento ou à má interpretação dos clássicos que lêem?

**VP** - Não é apenas um distanciamento dos clássicos. É verdade que dificilmente as pessoas da área chegam a ler os clássicos; mas tão grave quanto é o fato de que, quando o fazem, lêem a partir de uma perspectiva estreita. Nada assegura que a interpretação recebida pelos autores buscará as contradições de seu pensamento ou a identificação de problemas suscitados. Os autores freqüentemente se tornam mitos ou heróis. Na medida em que não somos apenas influídos por determinadas teorias, mas que nos consideramos marxistas ou weberianos ou qualquer outra coisa, tendemos a ver o mundo sob uma única ótica, através de uma janelinha que nos im-

pede de perceber muitos aspectos. No setor educacional, cuja natureza é essencialmente prática, um grande número não chega até os clássicos; por outro lado, é certo que a prática exige teoria, mas uma teoria mitigada para poder ser imediatamente traduzida em instrumento de transformação da realidade. Partir da teoria mais geral até chegar a um método de ensino é muito difícil e talvez por isso o caminho mais comum é o da mitificação de certos autores. Na segunda metade dos anos 70, por exemplo, quem não citava Gramsci não era nada. Isto me parece uma lamentável piada. Os autores têm obras situadas e datadas e só são grandes quando conseguem, no particular, falar do geral. Na área educacional, freqüentemente abdicamos da liberdade de pensar para entrar na do autor. Ou seja, abdicamos da condição de intelectual e assumimos que é o outro que pensa.

>

**EQ** - Na verdade, pelo que você fala, a leitura malfeita e mesmo o despreparo para a leitura é um dado a ser considerado nessa interpretação?

**VP** - Vejam a dificuldade que encontramos hoje, diante da crise do Leste Europeu e da crise do marxismo, em colocar em questão categorias tradicionais do marxismo entre nós. Leitura malfeita certamente encontramos e mais na área da educação do que das ciências sociais em geral, e isto dá margem a muita preguiça intelectual. Já passamos por uma fase em que o marxismo era não apenas intocável mas também tão "grande", política e teoricamente, que não se prestava para ser utilizado numa área tão específica e menor como educação. Isto só se modificou com o movimento estudantil de 1968, na Europa. Mas, infelizmente, não se trata apenas de ortodoxia ou de vulgarização do marxismo. Podemos até dizer que ele se tornou dominante na área educacional e a questão deixa de ser apenas a do despreparo para a leitura e passa a ser também a do oportunismo. Entrar para a vida acadêmica pode supor passar por esta via de forma bem estreita nos nossos dias. Se a orientação dos professores não é pluralista, corremos o risco de vermos nossos alunos de pós-graduação falando todos a mesma linguagem, entrando num determinado registro não só porque é mais fácil mas também porque é mais oportuno do ponto de vista prático. Dar consistência ao que pensamos não é fácil. Mas, se usamos expressões padronizadas, podemos não explicar nada da realidade, mas nos identificamos social e politicamente. É evidente que isto

não é válido apenas no caso do marxismo. Lembremo-nos dos skinnerianos. Uma vez me dei ao trabalho de ler boa parte das teses de um curso de mestrado e descobri que eram todas iguais. Ora, isto não tem nada a ver com formação intelectual. Com a consciência da morte que tenho hoje, me dá certa angústia ver que as pessoas, com isso, mal gastam a vida. É ruim para o professor e é ruim para o aluno que sequer chega a tomar consciência de que está queimando sua vida em vão. Quando sou diretiva nos meus cursos, eu sempre aviso, um pouco brincando: olhe, eu não estou aqui para fingir que eu não sou o professor e vocês não são os alunos. Não vim brincar de não-diretividade. Até porque sei que esta seria a melhor forma de eu não dar nada a ninguém, deixando que os alunos queimem a oportunidade e a vida para nada.

**EQ** - Como conhecedora e estudiosa das questões da sociedade alemã, como você vê as recentes ocorrências na Alemanha Oriental, em particular, e do Leste Europeu como um todo?

**VP** - Não faz muito tempo, numa discussão na PUC/SP, deixei a platéia irada quando disse - referindo-me à queda do muro de Berlim, então recém-acontecida - que estávamos diante da ponta do "iceberg". Consideraram que eu estava prevendo o fim do socialismo e mesmo do marxismo como teoria. Aqui, tem-se a impressão de que existia alguma coisa sólida, estável, que está vindo abaixo. Mas isto não é o que se pensa na Europa desde há muito. Se as coisas fossem tranquilas na Alemanha Oriental, não seria preciso uma tão grande "Stasi"... Posso dizer, com tranquilidade, que o correspondente do INPS na Alemanha Oriental é quase tão ruim quanto o nosso. É verdade que os países socialistas tinham emprego assegurado. Mas isto custou o atraso tecnológico de muitos deles; a impossibilidade da concorrência foi também impossibilidade dessas populações elevarem seus níveis de vida. Alguns países, considerando-se sua situação antes do fim da segunda guerra mundial, se atrasaram consideravelmente.

Habermas acentua o permanente movimento pendular de legitimação e deslegitimação que está presente na política. Na medida em que o Estado satisfaz necessidades, ele se legitima, mas, uma vez satisfeitas, o próximo momento é de deslegitimação, que só pode ser combatido com respostas, num novo patamar. Isto vale para os países capitalistas e também para os socialistas. E quando

não funciona pelos canais políticos, entra a coerção. Na verdade, uma das lições que o Leste Europeu nos está dando é que há muito mais de similaridade do que se pensava entre a forma de operar política do chamado "socialismo real" e do capitalismo. Os planos não deram certo nos países ocidentais, supostamente devido ao mercado; mas hoje sabemos que também não deram certo nos países socialistas. Em matéria de corrupção, a competição com os países capitalistas é grande se consideramos a nova classe dirigente e dominante formada naqueles países. O caso da Romênia parece exemplar. Uma ditadura feroz, de traços monárquicos, num país subdesenvolvido chamado de socialista. Uma falta de liberdade que não vale o pouco que tinham para a sobrevivência. Aliás, na minha geração, a autocrítica não é motivada apenas pelo Leste Europeu. Não é possível passar por cima do fato de que o Khmer Vermelho, uma vez no poder, destruiu toda a intelectualidade do país, fez regressar ao campo a população e liquidou fisicamente dois milhões de pessoas. Para quem, como eu, saiu em tantas demonstrações contra a presença americana no Laos, Cambodja e Vietnã, algo assim faz pensar duas vezes. Tal como o Irã do Xá e dos xiitas.

**EQ** - Você não acha que, naquele momento, as condições históricas, que se colocavam à época, apontavam para as manifestações a que você se refere como progressistas e não como retrocesso?

**VP** - Teoricamente estou inteiramente de acordo. Mas a nossa geração tinha pouca consciência histórica. Era cheia de ilusões, desejava construir um outro mundo, acreditávamos que todos os homens eram bons. Que a história seja contraditória, que não se possa prever, pode hoje nos parecer trivial. Mas nossa geração acreditou que era possível prever, planejar; até mesmo o capitalismo keynesiano acreditou que existia uma espécie de engenharia social possível. O que o mundo moderno está nos dizendo é que qualquer previsão é precária, que os modelos sociais e políticos se esfacelam. Fala-se hoje em esgotamento das energias utópicas exatamente porque a utopia planejada acabou, porque o fim da desigualdade não é possível, porque a igualdade planejada não existe. As pessoas são diferentes, as sociedades também. E hoje o mundo desenvolvido ainda enfrenta uma situação nova. Como diria Habermas, as energias utópicas ligadas à sociedade do trabalho se esgotaram porque a própria sociedade do trabalho está no fim. As utopias operárias numa sociedade amplamente terciarizada estão no

fim. Não apenas Habermas, mas muitos autores hoje apelam para valores - como a solidariedade, por exemplo - como fonte para novas energias utópicas, o que revela não apenas a crise teórica na qual estamos imersos, mas a consciência da insuficiência das teorias explicativas de natureza global. Neste mundo, a vida intelectual ficou muito mais difícil. Convivemos com a precariedade das explicações que oferecemos.

Para nós aqui, na periferia, não se trata apenas do fato de que as explicações são hoje mais precárias, mas também de que a situação objetiva na qual vivemos dentro do cenário internacional piorou muito. Isto leva a uma reconsideração do quadro interpretativo também. Um país como o Brasil, por exemplo, no passado foi extremamente otimista em sua visão do futuro. Hoje já não sabemos quais países conseguirão manter-se engatados no bonde do enriquecimento, se nós estaremos nele. Mas, de qualquer modo, continuam aqui refletindo tendências que se manifestam nos países centrais. Tomemos o caso do mercado de trabalho e, conseqüentemente, da qualificação (da educação). As tendências de hoje são no sentido de uma profunda terciarização do trabalho e até além disso: já se observa certo esgotamento das possibilidades de incorporação de força de trabalho no terciário, o que significará um tipo de desemprego desconhecido até o momento nos países ricos. Por trás do fenômeno, está a automação, a difusão da microeletrônica. Ora, os reflexos de tais tendências aqui obrigam a repensar a formação profissional (SENAI/SENAC, por exemplo). A polarização das qualificações, o desemprego juvenil são fenômenos que, nos países desenvolvidos, estão conduzindo a mais educação geral, a um tipo de formação que possibilite gerar novas utopias, trabalhar em comunidade, viver em grupo, desenvolver a criatividade, incentivar iniciativas individuais, pequenas empresas, artesanato. Os padrões educacionais se elevaram para que as pessoas possam enfrentar não o mundo do trabalho como antigamente, mas o mundo do não-trabalho.

**EQ** - Esta sua observação sobre o não-trabalho é no sentido de um esgotamento da categoria trabalho, como se vem discutindo, até então no mundo capitalista? Ou tem a ver com a tese do não-trabalho tal como se discutia anteriormente em relação ao socialismo, na passagem do socialismo ao comunismo, em que o homem trabalharia o essencial para a sobrevivência da comunidade?

**VP** - Absolutamente. É o contrário, ou seja, a utopia socialista é no sentido de que se vai revolucionar a sociedade para colocá-la em favor dos trabalhadores, e, portanto, fazer com que cada um trabalhe só o que seja suficiente para que a sociedade se mantenha num determinado nível e avance. Na sociedade capitalista, sobrepõe-se uma dinâmica que é sempre para frente e ela hoje está fugindo aos parâmetros tradicionais, que eram a progressiva incorporação e homogeneização da sociedade, a progressiva incorporação de toda força de trabalho. Hoje, pelo contrário, o capitalismo ultra-avanzado expelle força de trabalho e gera um setor de não-trabalho que, atualmente, chega a ser calculado em 1/3 de determinadas sociedades afluentes. São pessoas que não precisam, de fato, trabalhar, porque o excedente econômico permite que não trabalhem. O problema está em como é que estas pessoas se inserem na sociedade; daí a importância do setor educacional estar crescendo: para baixo, as creches, devido à incorporação da força de trabalho feminino, e para cima, por causa da reciclagem, da terceira idade, e também porque a força disruptiva eventual dessa população é enorme. Quer dizer, cria-se uma sociedade do trabalho ao lado de uma sociedade do não-trabalho em que, na verdade, os que ficam na sociedade do não-trabalho se sentem discriminados em relação aos demais. E, por outro lado, se dá uma polarização violenta das qualificações.



***Fala-se hoje em esgotamento das energias utópicas exatamente porque a utopia planejada acabou, porque o fim da desigualdade não é possível, porque a igualdade planejada não existe.***

**EQ** - Significa que os que ficam no não-trabalho assemelham-se ao parasita em torno do trabalho formal?

**VP** - A maneira como cada sociedade vai focar o fenômeno pode ser diferente. Por exemplo, há movimentos, na Europa, de pessoas desempregadas que vivem muito mal e que se rebelam contra a sociedade que os exclui. Aí entra um pouco de engenharia social. Os governos estão preocupados em tirar a força disruptiva desses movimentos, que tendem a ser cada vez maiores. Uma das estratégias é aumentar a força do sistema educacional, dar maiores oportunidades às pequenas firmas, à coisa alternativa, ao “bio-top”, ao natural, à recuperação das aldeias e suas casas antigas, subsidiar altos níveis educacionais não só para que as pessoas compreendam o fenômeno, mas para que possam usufruir os benefícios subjacentes a ele. O Brasil é um país que ainda não acordou para a importância do setor educacional. Nossa tradição escravocrata fez com que não fosse necessário difundir o sistema educacional; por outro lado, não se considerou importante integrar cultural e socialmente as populações de imigrantes. O país não teve, durante esses séculos, necessidade de preparar força de trabalho qualificada, e, como resultado de tudo isto, temos um sistema educacional que se desenvolveu de uma forma incipiente. Além do mais, não temos uma tradição liberal forte, mas se acredita que a maneira de construir uma sociedade democrática seja através da construção de uma sociedade na qual a igualdade se expresse pela igualdade de oportunidades educacionais, significando que na igualdade de oportunidades educacionais se encontra o cerne que possibilita “teoricamente” vencer as barreiras sociais. As sociedades com forte tradição liberal acreditam nisso; a nossa, não. E paradoxalmente, a nossa é uma sociedade com uma enorme mobilidade social. Apesar disto, nossos políticos têm muito pouco interesse pela educação e ela é vista, mesmo pelos intelectuais, como um setor subalterno na reflexão; como uma coisa mais prática, como uma área que, no máximo, é enfocada tecnocraticamente para servir à formação de força de trabalho qualificada de determinados setores. A nossa própria tradição política não imprime ao setor educacional uma marca muito forte no que diz respeito à questão da cidadania. Entramos nos anos sessenta com esta precaríssima e péssima tradição. Apesar disso, muitas mudanças ocorreram nos últimos 20 anos e, dentre elas, certa democratização do ensino fundamental, do ensino de 2º. grau e especialmente do ensino superior. Isto cor-

responde, exatamente, ao contrário do que se pretendia nas décadas anteriores. O clamor das esquerdas sempre foi por uma democratização pela base; a política dos militares foi por uma democratização pelo topo. Mas, de fato, este país não tinha quadros para poder fazer face às necessidades da força de trabalho de um desenvolvimento rápido, e tal estratégia foi pensada tecnocraticamente. Os nossos políticos ainda hoje vêm, quando estamos retornando à tradição de democratizar pela base, a defesa da democratização do ensino como uma maneira de reforçar o seu prestígio em determinada área. Eles afastam os tecnocratas que começam a ser endemonizados como pessoas que não são confiáveis, não são pessoas adequadas; tecnocrata, neste país, virou uma ofensa. Os políticos deste país ainda não se deram conta de que não existe desenvolvimento econômico sem população educada. Da mesma maneira, não existe democracia sem população educada; mas, talvez, isto ainda interesse a determinados setores.

**EQ** - Você falou em democratização do ensino fundamental, será que ela existe de fato? Sem dúvida que as oportunidades de acesso se ampliaram, mas ainda é tão significativo o número de pessoas fora da escola, sem falar nas inúmeras deficiências do ensino oferecido!

**VP** - É verdade, mas não podemos negar que hoje, no Brasil, as oportunidades de acesso à escola são bastante mais significativas do que em tempos atrás. E mais, a maior parte das crianças chega a entrar na escola, há trabalhos que comprovam isto. O problema está muito menos na evasão do que na repetência. O que muitas vezes aparece como evasão é um outro fenômeno, aquele que ocorre porque a pessoa começa a repetir, sai de uma escola para outra e não comunica. Este fenômeno é muito comum. Segundo esses mesmos trabalhos, hoje o país não tem mais quase necessidade de construções escolares. Isto não significa que todas as crianças tenham o seu atendimento escolar assegurado, uma vez que muitas dessas escolas estão localizadas de forma inadequada; mas, numérica e teoricamente, elas seriam suficientes para atender a toda a demanda. O problema hoje está menos na quantidade e mais na qualidade da nossa escola. E aí existem muitas coisas a considerar. Em primeiro lugar, há um descaso enorme em relação à formação dos professores e, de uma certa forma, a descentralização levou a isto. Os Estados que dispunham de mais recursos

puderam cuidar melhor da qualificação dos seus professores, o que não aconteceu com os Estados com menos condições financeiras. Os sistemas estaduais são muito desiguais. Pessoalmente acho que deveria haver uma instância que desse maior equilíbrio ao conjunto. Em segundo lugar, existem poucas experiências de melhoria qualitativa sistemática e aquelas realmente boas não têm sido acompanhadas e multiplicadas; conhece-se muito pouco o que se tem de bom. Além de professores malformados e leigos, como no nordeste, onde o número de professores leigos é significativo, os salários são muito baixos. Com cerca de um milhão de professores do ensino fundamental atuando, dentre eles, trezentos mil são leigos; mas dispomos de cerca de um milhão de professores formados que não trabalham na profissão porque os salários são baixos. Eu até entendo porque os salários são baixos, pois o sistema educacional em toda parte é caríssimo. O professorado é sempre a maior parte da folha de pagamento de qualquer Estado. No entanto, sem bons salários, não vamos conseguir bons professores. Em terceiro lugar, mesmo onde o sistema, em tempos passados, foi bom, ele começou a se tornar precário por muitos motivos. Dentre esses motivos, cito a generalização da pedagogia não-diretiva, muito amor nas escolas. Não que eu seja contra as crianças serem muito bem tratadas, mas, ao professor, compete também transmitir um conteúdo. Recentemente, a Secretaria Municipal de São Paulo acabou dizendo que era para ensinar português errado às crianças por ser esta a linguagem das camadas populares. Da mesma forma, eliminou o exame médico para a prática da educação física com a justificativa de que as crianças das camadas populares que chegaram até ali eram fortes, sobreviventes. Este tipo de barbaridade se espalhou pelo país em consequência da mitificação de pessoas e idéias.

**EQ** - A questão da politização pela via escolar não se constitui, também, em uma outra distorção significativa quanto ao papel da escola? Aqui é muito comum o professor se preocupar mais com os "movimentos de politização" do que com o conteúdo específico da sua disciplina, e mesmo em ensinar a ler, escrever e contar.

**VP** - Isto, na verdade, é uma grande desgraça. O que seria talvez adequado aos movimentos da educação de adultos terminou por entrar na escola. As crianças perdem o seu tempo e, quem sabe, a sua única oportunidade na vida de aprenderem a ler e escrever, de

aprenderem coisas que, de fato, lhes seriam úteis à vida. Na verdade, elas vão atravessar todas as dificuldades que a sociedade vai lhes oferecer sem os instrumentos básicos para poderem fazer face à adversidade, para garantir a sua oportunidade. No pensar só o geral, e um geral malpensado, termina-se por prejudicar o particular.

**EQ** - Você não acha que uma outra questão que precisa ser repensada pelos profissionais da educação é aquela de se assumir o trabalho como princípio educativo?

**VP** - Sem dúvida, e não é só isto que tem que ser repensado. Hoje há uma tendência internacional, forte, para se discutir a questão do fim tendencial da divisão do trabalho. **Kern** e **Schumann** publicaram recentemente um livro que se chama "Fim da divisão do trabalho?". A tendência é, cada vez mais, de se agrupar tarefas, e isto provoca a necessidade de mais educação geral. Se o indivíduo tem que fazer uma tarefa como a de apertar um botão é uma coisa; mas, se ele vai juntar tarefas, supervisionar uma máquina complexa, ele precisa saber quais são os mecanismos que comandam esta máquina, terá que dispor de uma educação mais geral e menos específica. Mesmo um intelectual que escreve à mão, por exemplo, de repente ele é obrigado a aprender a bater à máquina para poder se utilizar do computador. Nesse sentido, a atividade intelectual se juntou à atividade manual e, nessa confluência, se desmistifica o trabalho intelectual. Vamos a outros exemplos. A sociedade do não-trabalho não é uma sociedade em que o trabalho desaparece. Ele se estrutura de outra forma. É um outro trabalho. Um indivíduo, com uma formação global mais ampla, vai na esquina e compra na banca de jornal um exemplar do "Do it yourself"; como ele não tem dinheiro para mandar construir a sua casa, consulta o livreto e faz tudo ele mesmo. A Europa está cheia disto, os intelectuais constroem suas próprias casas no campo, fazem os armários de seus apartamentos, e assim por diante. Da mesma forma, profissionais de uma determinada área executam serviços de outras áreas, utilizando-se do acesso generalizado às informações específicas.

**EQ** - Isto justifica ou fundamenta o que se tem chamado de politecnia?

**VP** - Olha, eu não gosto da palavra politecnia. Falemos de poli-

valência, de amplitude de conhecimentos. O mundo moderno exige uma cultura mais ampla; não se trata de politecnia, não gosto do termo, não temos por que usá-lo. Isto faz parte de uma bobagem, de uma brincadeira, que tem mitificação por trás. Intelectual não tem mito, intelectual pensa.

**EQ** - E quanto à discussão sobre o fim da História, que tem despertado a atenção de intelectuais, o que você pensa sobre isto?

**VP** - Acho que esta discussão sobre o fim da História está malcolocada, talvez tenha muito a ver com o ceticismo de intelectuais em relação às teorias que antes eles adotavam; tem a ver com o desencanto enorme que nos foi trazido por esta ebulição do Leste Europeu, da União Soviética, do Cambodja, do Irã. Por outro lado, estamos desde há muito enfatizando o movimento expansivo e homogeneizador do capitalismo. Hoje percebemos que o capitalismo carrega com ele também uma enorme heterogeneidade. O movimento expansivo e homogeneizador do capitalismo, porém, foi se aprofundando e se concentrando em determinadas áreas, que vão avançando cada vez mais, ao invés de incorporar a periferia. O capital circula cada vez mais na direção norte-norte, formando uma sociedade do não-trabalho, enquanto a periferia permanece uma sociedade do trabalho. Na medida em que isto vai também atingindo o socialismo, no sentido de que o socialismo vai se desmoronando e vai se incorporando ao capitalismo avançado, o que resta para as áreas periféricas é indagar se existe a possibilidade de incorporação. A grande discussão está aí, se ainda dá para incorporar e de que maneira atrelar. De que maneira cada país pode jogar o seu anzol e se atrelar nesse bonde, que é o bonde da grande riqueza. Acho que há pouca clareza sobre este assunto, fundamentalmente porque a História é profundamente contraditória e nela o inesperado irrompe, não se tem - felizmente - controle sobre os movimentos da sociedade e da política. Se temos chances, ou não, depende do que vai acontecer aqui e em outras partes.

**EQ** - Nesse sentido, não se pode dizer que a História acabou. Afirmar isso é como dizer que a História é somente a história do marxismo. Como não se realizou, totalmente, na maioria de suas hipóteses, então a História acabou.

**VP** - Pois é, isto é uma piada. Resulta de uma perspectiva estreita.

**EQ** - O capitalismo, com um alto avanço tecnológico, seria, então, a forma de sociedade ideal?

**VP** - Será que ainda existe a possibilidade de se falar em ideal? Existe vida ideal? Em tudo entram escolhas, e toda escolha é trágica. Em qualquer escolha, descartam-se mil outras possibilidades. O capitalismo implica descartar-se de várias possibilidades. Na minha opinião, não se pode dizer que algo é ideal. Não existem energias utópicas suficientes para que se possa, novamente, diante do ceticismo generalizado face aos acontecimentos internacionais e à participação no poder, conduzir as pessoas a emprestarem o seu ânimo à defesa de coisas preconcebidas, de um plano ou de alguma coisa ideal. Admito que se possa lutar por ideais abstratos, tipo igualdade, justiça, mas também, hoje em dia, há uma grande discussão a respeito da própria justiça e sua factibilidade. Está tudo colocado em discussão. Nesse sentido, o momento de hoje é mais rico do que se estivéssemos no início do século.



**EQ** - Nessa simpatia pelo capitalismo, como é que fica a questão das classes sociais?

**VP** - Uma resposta que eu poderia dar, e esta é uma discussão complicada porque também está em questão, é a de que o capitalismo pode ser amansado através do Estado de Bem-Estar Social, como ocorre nas sociedades européias. Continua sendo uma sociedade de classes, porém todas as pessoas têm assegurado um certo padrão de vida. A Inglaterra, a Alemanha, a França são exemplos disto. São formas de bem-estar que equalizam, criam uma certa base igualitária, e a partir daí se estabelecem os desníveis sociais. Este tipo de domesticação do capitalismo tem recebido muitas críticas com base no marxismo. Seriam formas de corromper a classe operária, amansá-la e controlá-la. Noutros países capitalistas, não se pode falar em Estado de Bem-Estar porque neles se

acredita que o bem-estar é gerado simultaneamente pela família, pelo emprego e pelo Estado. A soma disto, expressa no "quantum do salário, é que leva a pessoa a comprar o seu bem-estar. É o caso dos Estados Unidos e do Japão, que vêem a questão do bem-estar desta maneira. Já na Europa, considera-se a questão do bem-estar através da ação do Estado. Mas, também esta questão está sendo revisada, e aí já entraria numa outra questão: estaríamos no fim da era keynesiana em que o desenvolvimento se dá através da demanda que gera oferta, ou seja, através da sociedade de consumo de massa? Não é que se possa estar no fim do keynesianismo, estaríamos no fim do consumo de massa, pois ele permanece. É porque o lucro maior não se forma mais através da produção para o consumo de massa; o "surplus profit", o lucro suplementar, que impulsiona verdadeiramente o capitalismo, se formaria, hoje, através da diferenciação, ou seja, através dos produtos altamente sofisticados que, pelo alto custo, só podem ser consumidos por uma pequena parcela da população. Neste sentido, a partir de um determinado patamar, as desigualdades se aprofundariam. A isto se alia uma crise fiscal dos Estados que cada vez mais são assoberbados pelos custos do sistema do bem-estar. Além disso, há o grande problema da população que vive e envelhece cada vez mais e os tratamentos médicos que se tornam cada vez mais caros. Há menos crianças mas também menor número de pessoas para trabalhar e, apesar disso, desemprego. O Estado tem também que sustentar uma parte da população com idade para fazer parte do PEA, mas que não chega a ser economicamente ativa. São muitas complicações juntas, de tal modo que não se sabe a que poderão levar; se vão levar à possibilidade de manutenção do Estado de Bem-Estar Social existente ou não.

**EQ** - Esse Estado de Bem-Estar Social está associado à social-democracia?

**VP** - A social-democracia é uma visão da sociedade que deriva do movimento operário, sem ser mais marxista, e que pretende uma sociedade mais igualitária. Não o comunismo, mas um socialismo mitigado, e pode se realizar através do Estado de Bem-Estar numa sociedade capitalista. Ocorre que o modelo que a inspira, em parte, vem sendo realizado também por partidos que não são sociais-democratas, graças à conjuntura internacional do pós-guerra. Assim, sociedades altamente pilarizadas, ou seja, com classes sociais que

ainda tomam a forma de pilares como na Idade Média, desenvolveram o Estado de Bem-Estar sob a dominância de partidos democrata-cristãos. A Holanda é um exemplo disto. Assim, em geral, o Estado de Bem-Estar está associado à social-democracia, mas não significa que só a social-democracia tenha construído Estados desta natureza.

**EQ** - Uma palavra final, professora, sobre a questão universitária, e mais precisamente sobre a autonomia da universidade, objeto de tanta discussão nos dias atuais.

**VP** - Eu tenho uma proposta concreta sobre o tema, e que é a de limitar a autonomia universitária de acordo com as funções da universidade. O que quero dizer é que estamos vivendo, e isto está ocorrendo em todo o mundo, um momento de redefinição das funções da universidade. Entendo que esta questão da autonomia universitária deve se restringir à questão acadêmica na medida em que as universidades servem à vida prática, à sociedade e ao Estado. Portanto, a autonomia esbarra na necessidade de negociação permanente com a sociedade e com o Estado para que a universidade possa cumprir as suas funções. A minha proposta é a de existência de órgãos conjuntos de mediação entre a universidade e o Estado através do qual essa autonomia possa ser exercida.

*Em tudo entram  
escolhas,  
e toda escolha  
é trágica.*

